



A cabeça pensa onde os pés pisam: a arte-educação socioambiental na formação docente¹

Chrizian Karoline Oliveira²

Universidade Federal do Paraná (UFPR) – Brasil

<https://orcid.org/0000-0002-6049-1601>

Yanina Micaela Sammarco³

Universidade Federal do Paraná (UFPR) – Brasil

<https://orcid.org/0000-0002-7557-0126>

Vanderlei Silveira⁴

Universidade Federal do Paraná (UFPR) – Brasil

<https://orcid.org/0009-0001-6490-4282>

Resumo: Este artigo discute a integração entre arte, lugar-território e Educação Socioambiental na formação docente, sob uma perspectiva anticolonial e decolonial. Utilizando a Abordagem Triangular como base metodológica, foram realizadas duas propostas formativas com aproximadamente 150 licenciandos da UFPR. A partir de práticas interdisciplinares e contextuais com arte socioambiental, as/os participantes vivenciaram experiências pedagógicas que valorizam os saberes locais, a diversidade cultural e o pertencimento e identidade ao território. Os resultados evidenciam que a escola, entendida como lugar-território, pode se tornar um espaço de resistência, emancipação e transformação, ao conectar estética, política e ecologia na formação crítica e sensível de futuras/os docentes.

Palavras-chave: Educação Socioambiental. Arte Socioambiental. Decolonialidade. Lugar-Território.

La cabeza piensa donde pisan los pies: el arte-educación socioambiental en la formación docente

Resumen: Este artículo analiza la integración entre arte, lugar-territorio y Educación Socioambiental en la formación docente, desde una perspectiva anticolonial y decolonial. Utilizando el Enfoque Triangular como base metodológica, se realizaron dos propuestas formativas con aproximadamente 150 estudiantes

¹ Recebido em: 21/07/2025. Aprovado em: 19/11/2025.

² Pedagoga, pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR), Mestre em Educação pela PUCPR e Doutoranda em Meio Ambiente e Desenvolvimento, pela Universidade Federal do Paraná (PPGMADE/UFPR). E-mail: chriziankaroline@hotmail.com

³ Graduada em Ciências Biológicas pela UFRGS, mestre em Engenharia Ambiental pela UFSC, Doutora em Educação Ambiental pela Universidad Autonoma de Madrid e USP. Atualmente docente na UFPR na área Biologia da Educação/DTFE/Setor de educação e no Programa de Pós-graduação em Meio Ambiente e Desenvolvimento (PPGMADE). E-mail: yanina@ufpr.br

⁴ Mestre em Ensino das Ciências Ambientais, tem participado em exposições, priorizando os debates que envolvam a educação, o ambientalismo e a valorização da diversidade de saberes. Como docente, explora novas abordagens interdisciplinares, envolvendo as artes, a ecologia e a cidadania. E-mail: vanderlei.silveira@ufpr.br

de licenciatura de la UFPR. A partir de prácticas interdisciplinarias y contextualizadas con arte socioambiental, las/los participantes vivenciaron experiencias pedagógicas que valoran los saberes locales, la diversidad cultural y el sentido de pertenencia e identidad con el territorio. Los resultados evidencian que la escuela, entendida como lugar-territorio, puede convertirse en un espacio de resistencia, emancipación y transformación, al articular estética, política y ecología en la formación crítica y sensible de futuras/os docentes.

Palabras-clave: Educación Socioambiental. Arte Socioambiental. Decolonialidad. Lugar-Territorio.

The Head Thinks Where the Feet Step: Art and Socio-environmental Education in Teacher Training

Abstract: This article discusses the integration of art, place-territory, and Socio-environmental Education in teacher training from an anticolonial and decolonial perspective. Using the Triangular Approach as the methodological foundation, two training proposals were carried out with approximately 150 undergraduate teaching students from UFPR. Through interdisciplinary and contextual practices with socio-environmental art, participants engaged in pedagogical experiences that valued local knowledge, cultural diversity, and a sense of belonging and identity with the territory. The results show that the school, understood as a place-territory, can become a space of resistance, emancipation, and transformation by connecting aesthetics, politics, and ecology in the critical and sensitive training of future educators.

Keywords: Socio-environmental Education. Socio-environmental Art. Decoloniality. Place-Territory.

INTRODUÇÃO

A conexão entre o que pensamos e o lugar onde estamos é bem expressada na frase "a cabeça pensa onde os pés pisam". Isso nos lembra o quanto as experiências que vivemos e percebemos em nossos ambientes locais são fundamentais para a nossa compreensão do mundo. O conhecimento que adquirimos se forma a partir dos contextos e das vivências do dia a dia, mostrando que cada lugar tem suas próprias histórias, percepções e aprendizados a oferecer.

Neste contexto, escolas são muito mais do que apenas espaços de aprendizagem. De acordo com Tuan (2013, p. 96), “quando o espaço nos é inteiramente familiar, torna-se lugar”. Portanto, eles se tornam lugares de formação e transformação. Possuem potencial de conectar as pessoas às suas realidades locais, promovendo uma educação que realmente valoriza a cultura, o território e a sustentabilidade do meio ambiente. Para Leff (2015, p. 17) “O ambiente emerge como um saber integrador da diversidade, de novos valores éticos e estéticos e dos potenciais sinérgicos gerados pela articulação de processos ecológicos, tecnológicos e culturais”.

Este artigo tem como objetivo dialogar como podemos integrar essa relação entre arte, lugar e Educação Socioambiental na formação docente para as práticas de ensino. Buscando entender como isso pode enriquecer a experiência educadora e

fortalecer os laços entre as/os alunas/os e suas comunidades.

Falamos, portanto, de uma educação que busca uma mudança na forma de pensar, propondo uma abordagem que desafia a lógica tradicional e hegemônica do conhecimento. Essa visão crítica a ideia de que a ciência ocidental é a única detentora da verdade e das soluções para as crises e conflitos socioambientais que enfrentamos.

Assim, a partir de uma perspectiva anticolonial, definida por Chauvin (2015, p. 51), como: “um misto de sentimentos, reflexões, posturas e atitudes que envolvem os indivíduos interessados em estudar, relativizar, questionar e especialmente resistir ao estatuto colonial”. Tal perspectiva tem em vista “determinado(s) território(s) (estados, países, nações), tribos e povos, localizado(s) histórica e espacialmente” (idem), propiciando a intersecção entre lugar e território, dando origem a ideia aqui defendida como lugar-território, que vincula o significado de lugar, como pertencimento e afetividade, à representatividade de identidades e alteridades presentes no território. Sendo assim, a partir deste conceito vamos discutir como essas novas abordagens podem ser incorporadas à uma Educação Socioambiental.

O objetivo é fortalecer o papel das escolas como lugar-território, isto é, uma formação que valoriza as experiências locais e promove a conexão entre as pessoas, suas comunidades e o ambiente educador. Dessa forma, podemos contribuir para outras formas de entender uma Educação Ambiental crítica, criando práticas pedagógicas inovadoras e transformadoras.

A CABEÇA PENSA ONDE OS PÉS PISAM

As nossas individualidades se constroem nas interações que temos com o nosso meio ambiente. Desse modo, somos parte do meio em que estamos inseridos em uma rede de possibilidades, intensas modificações e transformações, formando uma conexão indissociável que possibilita e favorece uma reflexão transformadora de nossa realidade. Leff, explicita que:

O saber ambiental problematiza o conhecimento fragmentado em disciplinas e a administração setorial do desenvolvimento, para constituir um campo de conhecimento teórico e prático orientado para a rearticulação das relações sociedade-natureza. Este conhecimento não se esgota na extensão dos paradigmas da ecologia para compreender a dinâmica dos processos socioambientais, nem se limita a um componente ecológico nos paradigmas atuais do conhecimento. (Leff, 2015, p. 145)

Pensar na educação a partir dessa premissa significa compreendê-la como um radical vivo que garante a interrelação e mobilização das pluralidades de conhecimentos e saberes locais, levando os indivíduos a vislumbrarem a Educação Socioambiental como uma grande teia que se interliga a diferentes modos de ser e estar no mundo. Um conhecimento contextualizado e situado, permite afastar a rigidez da lógica clássica que persiste no sistema educacional. Isto é, “‘Ecologizar as disciplinas’, levar em conta tudo que lhes é contextual, inclusive as condições culturais e sociais em que elas nascem, levantam problemas e se transformam.” (Morin, 2009, p. 115).

Em uma perspectiva anticolonial de educação, criam-se as práticas pedagógicas de envolvimento e não mais de desenvolvimento, conectando práticas territorializadas a teorias insurgentes que consideram outros modos de vida, promovendo uma aprendizagem significativa, situada e engajada. Essa abordagem valoriza o conhecimento como algo dinâmico, emergente das interações concretas com o mundo, os lugares-territórios e as comunidades, não produzindo conformidades com pensamentos universalistas.

Morin, define este aspecto universalista, do ensino da seguinte forma:

Ao parcelar os conhecimentos em fragmentos separados, nossa educação não os ensina senão muito parcial e insuficientemente a viver, ela se distancia da vida ao ignorar os problemas permanentes do viver que acabamos de evocar. Cada vez mais poderosa e influente, a tendência tecnoeconômica tende a reduzir a educação a aquisição de competências socioprofissionais, em detrimento das competências existenciais que uma regeneração da cultura existencial e a introdução de temas vitais no ensino podem promover. (Morin 2015, p.27)

Na presença de tal horizonte de envolvimento pedagógico, Ana Mae Barbosa⁵ pode vir a contribuir na compreensão da relevância das artes no processo formativo dos indivíduos. Sendo assim, Barbosa (2005), propõe a Abordagem Triangular, uma didática que une a produção, a apreciação e a contextualização da arte, trazendo ruptura com a perspectiva reprodutivista e técnica que vinha sendo oferecida em nome da educação artística. Na Abordagem Triangular de Ana Mae Barbosa, encontramos potências de uma arte como linguagem crítica e situada, dialogando com a Educação Socioambiental decolonial, ao valorizar os repertórios e as territorialidades das/os estudantes.

⁵Ana Mae Barbosa (São Paulo, 1936), é educadora e pesquisadora brasileira, sendo referência na Educação Artística. Foi presença na elaboração dos Parâmetros Curriculares Nacionais, os PCNs das Artes. Naquela renovação do ensino brasileiro na década de 1990. Sua Abordagem Triangular soma o fazer artístico, com a leitura das imagens artísticas e a sua contextualização sociocultural, promovendo uma interdisciplinaridade crítica, oferecendo alternativas ao ensino fragmentado e técnico das artes.

Complementando com essa ruptura, Paulo Freire (2018), pode nos fundamentar as artes na educação como um conjunto de práticas emancipadoras, facilitando a autorreflexão, a leitura crítica do mundo e a transformação da realidade por meio da linguagem sensível e simbólica. Para Freire, “a educação se faz mediante a reflexão crítica sobre a prática” e o ser humano é um “ser inacabado, em permanente processo de busca” (2018, p. 34).

Assim, a Arte merece ser vista como um componente basilar na escola, como pilar estruturante de projetos educadores que se comprometem com a emancipação humana, com a valorização das culturas locais, fortalecendo os vínculos entre escola, comunidade e meio ambiente.

De acordo com Rufino na contramão da lógica produtora de desvios, aniquilações e silenciamentos:

[...] a educação emerge como um radical vivo; corporal; vibrante; dialógico; inacabado; alteritário; comunitário; produtor de presença, dúvida, vivência e partilha. A educação não é apaziguadora do conflito, pois este se manifesta como dimensão criativa e não como oposição, subordinação e extermínio do outro. A educação não é conformadora, ela é uma força errante, que negaceia, instaura dúvida, avança nas perguntas e persegue o seu fazer como prática de liberdade. (Rufino, 2021, p. 11)

Propor uma ressignificação dos processos educadores, nos quais os lugares-territórios escolares deixam de ser apenas cenários e se tornam agentes ativos no envolvimento com o pensamento crítico e com a cidadania. Demanda um engajamento de práticas educadoras socioambientais anticoloniais, que conectam as/os estudantes às dinâmicas ambientais, sociais e culturais de seus territórios, promovendo uma compreensão mais ampla sobre pertencimento e responsabilidade coletiva.

A educação expressa-se de diversas maneiras para diferentes contextos e modos de vida, o aprendizado se dá de diferentes condições e possibilidades, muito longe de ser reduzido ao contato com o conhecimento de altas camadas sociais. Por meio das múltiplas interações com o mundo, as que se encontram nos hábitos cotidianos, nos saberes ancestrais e modos de vida, o produto das vivências e práticas cotidianas desses grupos, passa a ser o interesse de uma educação que reconhece a multiplicidade dos conhecimentos e a luta contra a hegemonia colonialista. (Oliveira, Padilha, Sammarco 2024, p. 257).

Ao valorizar as especificidades dos espaços formais, a escola se posiciona como um lugar-território de resistência às homogeneizações culturais e de recriação de significados, permitindo que as vozes e histórias locais sejam reconhecidas e valorizadas no processo educador.

Num sentido próximo, a Arte-educação traz um papel relevante, uma vez que oferece caminhos interpretativos e expressivos. A estética, por sua linguagem criativa, sensível e simbólica, oferece outras formas e cores ao cotidiano comunitário e escolar. Concepções artísticas que, ao dialogar com a comunidade por meio de espetáculos, intervenções de arte socioambiental, pesquisas e oficinas de resgate das memórias, acabam por criar redes culturais que fortaleçam vínculos dentro do próprio lugar-território no qual está inserida a escola. As artes socioambientais, tornando-se escuta e fala; pertencimento e resistência, acabam por descolonizar saberes e restauram a empatia entre instituição de ensino e seu entorno.

ARTES SOCIOAMBIENTAIS COMO INSTRUMENTO PEDAGÓGICO

A Educação Socioambiental expressa-se de diversas maneiras para diferentes contextos e modos de vida, o aprendizado se dá de diferentes condições e possibilidades, muito longe de ser reduzido ao contato com o conhecimento dominante de altas camadas sociais. Isto é, também por meio das múltiplas interações com o mundo, as que se encontram nos hábitos cotidianos, nos saberes ancestrais e outros modos de vida. O produto das vivências e práticas cotidianas desses grupos, passa a ser o interesse de uma educação que reconhece a pluralidade dos conhecimentos e saberes, bem como, a luta contra a hegemonia colonialista/capitalista.

A busca por uma educação despida da lógica colonial que ainda permanece em nossas estruturas do ser, do saber e do poder, (Walsh, 2009), evoca como tarefa principal da educação, descolonizar suas práticas. Portanto, “a educação, ao contrário de ser um sistema monológico, como é desejo de muitos, é em seu caráter fundante um sistema imunológico, pois resguarda, vitaliza os seres e possibilita coexistirem em suas diferenças” (Rufino, p. 8, 2023).

Trazer esse radical livre é compreender a Educação Socioambiental como um espaço vital de diálogo intercultural, em que diferentes formas de ser e saber possam coexistir e florescer, nutrindo uma sociedade mais justa e inclusiva, capaz de resistir às imposições de homogeneização cultural e epistemológica da lógica capitalista reprodutivista.

Romper a lógica linear, implica em escolas como lugares em que a Arte e as práticas interculturais sejam mediadoras de reflexões críticas sobre o ambiente. Coletivos de arte popular, grafismos e linguagens locais são exemplos de expressões

socioambientais que, incorporadas à prática pedagógica, ressignificam a relação entre lugar-território e aprendizagem.

Expressões artísticas, como o grafite, fazem parte das manifestações culturais que integram estética, política e resistência, possuindo uma linguagem acessível e envolvente ao cotidiano das pessoas. Incorporar essas expressões socioambientais ao contexto escolar mobiliza a criação de espaços de diálogo sobre temas como identidade, desigualdade e pertencimento, permitindo que as/os estudantes explorem suas narrativas pessoais e coletivas, bem como, suas relações com o ambiente, a sociedade e suas culturas.

Essas expressões socioambientais atuam como mediadoras para reflexões críticas, oferecendo uma oportunidade única de conectar questões globais às realidades locais, transformando o ambiente escolar em um lugar-território de resistência e protagonismo intercultural.

Para exemplificar, essa proposta trazemos as obras e artes socioambientais da artista Manauara do Povo Mura, Auá Mendes, que além de sua expressão artística de resistência étnica é também de gênero, por ser uma mulher trans.

Imagem 1 e 2: Arte TRANSvisual, Auá Mendes



Imagem 1



Imagem 2

Fonte: CCSP - Centro Cultural São Paulo, s.d.

A artista Auá Mendes imprime em seus trabalhos sua forma de enxergar o mundo. Uma cosmovisão que veio dos seus antepassados, que foi silenciada pela colonização. Agora, ela teve a oportunidade de expor em uma “tela gigante”, quase como um grito, dialogando com os povos do norte do país, e com as pessoas da cidade, por poderem acessar outras cosmovisões e expressões artísticas de forma democrática e insurgente, ao celebrar a cultura indígena e o poder da arte socioambiental e urbana no cotidiano (Acrítica, 2022).

Nas palavras de Nego Bispo. “quando a gente confluencia, a gente não deixa de ser a gente, a gente passa a ser a gente e outra gente - a gente rende. A confluência é uma força que rende, que aumenta, que amplia” (Santos, 2023, p. 15). O resultado da confluência entre ancestral e urbano é apresentado na imagem 3, a seguir.

Imagem 3: Obra “Azul - IXÉ MAKU - Auá Mendes



Fonte: Latan Arte, 2023.

A imagem 3, exibe a arte urbana realizada por Auá Mendes. A obra “Azul - IXÉ MAKU”, foi a primeira empena individual em grandes dimensões da cidade de Belém, realizada durante a Bienal das Amazônias. “A obra, que apresenta uma menina com uma onça, traz como inspiração a dimensão dos sonhos e da realidade da cosmovisão indígena vivida pela artista.” (Acrítica, 2022).

O mural (2023) permanecerá visível em longa distância e será de grande destaque na paisagem urbana da cidade de Belém/PA. Para Vera Nunes, CEO da Produtora Gentilização, que assina a produção do mural, “pinturas em espaços públicos são formas de transformar a cidade em uma grande galeria de arte, proporcionando que todos, sem distinção, possam usufruir da produção artística.” (2023).

Outro Mural realizado pela artista (2022), intitulado “Ãgawara-itá Mukatúru: As encantadas protegem”, foi realizado na Avenida Bixiga, no Centro da capital paulista. Com mais de 30 metros, o grafite é uma produção carregada de atravessamentos, que busca fortalecer a sua própria existência, assim como de seu povo, seus ancestrais vivos e aqueles que “encantaram”.

Imagem 4 e 5: Obra “Ãgawara-itá Mukatúru: As encantadas protegem” - Auá Mendes



Imagem 4

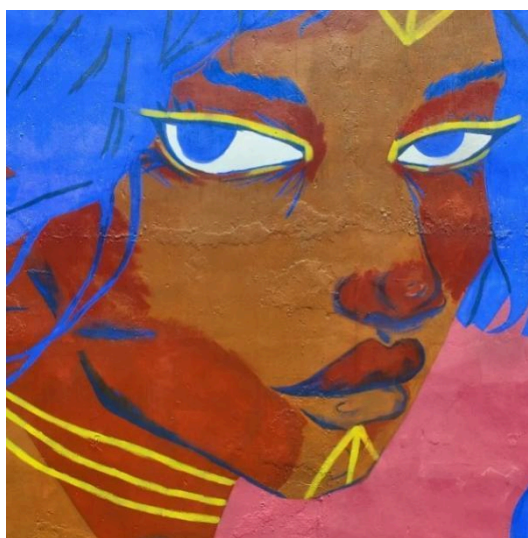


Imagem 5

Fonte: Latan Arte, 2022.

Na obra da artista, enquanto meio de comunicação exclusivamente humano, a estética opera por uma natureza dialógica, aproximando o público e revelando tanto o mundo exterior quanto as subjetividades que habitam em nós. Nesse campo, a Arte

Socioambiental manifesta sua potência máxima, como estrutura decolonial capaz de resgatar memórias, renovar sentidos pedagógicos e transformar o espaço escolar em um lugar-território, vivo de diálogo de saberes, escuta e justiça socioambiental.

Lazzarin (2007) considera que “o grafite, como movimento social e artístico, cruza o território marginal em direção à institucionalidade; às vezes, como forma de inserção social, outras, como simples modismo.” (p. 63). Auá Mendes simboliza uma nova relação com o urbano, trazendo consigo novas cartografias afetivas contra-hegemônicas.

Ailton Krenak em sua obra Futuro ancestral (2022), nos proporciona uma reflexão que pode nos ajudar a entender o símbolo de resistência e reivindicação nas obras da artista indígena dentro de um mundo reprodutivista/capitalista.

Se o colonialismo nos causou um dano quase irreparável foi o de afirmar que somos todos iguais. Agora a gente vai ter que desmentir isso e evocar os mundos das cartográficas afetivas, nas quais o rio pode escapar ao dano, a vida, à bala perdida, e a liberdade não seja só uma condição de aceitação do sujeito, mas uma experiência tão radical que nos leve além da ideia de finitude. (Krenak, 2022, p. 42)

Krenak (ibidem) nos provoca quanto as lógicas sanitistas e higienistas coloniais. Neste sentido, os grafites e murais podem ser utilizados como recursos de resgate das memórias e narrativas locais, fortalecendo a identidade cultural das/dos estudantes.

As imagens 6 a seguir, exibe uma das obras realizadas por Auá no contexto urbano, intitulada “Awá Arã”, relacionadas à resistência Indígena Mura, realizadas pelos muros da cidade.

Imagem 6: Obra “Awá Arã Auá Mendes



Fonte: Auá Mendes – Latam Arte

Na educação, essas manifestações podem ser incorporadas como instrumentos pedagógicos para desafiar modelos tradicionais de ensino, promovendo um aprendizado situado e conectado às experiências concretas das/dos estudantes. Em uma perspectiva anticolonial, o uso de artes socioambientais na escola valoriza as vozes e histórias dos lugares-territórios locais, contribuindo para a formação de sujeitos críticos e engajados.

Rufino ressalta que:

[...] A educação não pode estar ligada a qualquer defesa de desenvolvimento do humano e de seu caráter civilizatório que esteja calçada em uma única lógica. Em outras palavras, a educação não pode estar a serviço do modelo dominante, pois ela, em sua radicalidade, é a força motriz que possibilita enveredarmos e nos mantermos atentos e atuantes nos processos de descolonização.” (Rufino, 2021, p. 10)

Quando a Arte for compreendida como um campo interdisciplinar, em intersecção com as demais áreas do conhecimento, tais como, Biologia, Matemática, entre outros, deixaremos de pensá-la como fonte de conteúdos estéticos avulsos. As artes nas escolas precisam ser destacadas como potências pedagógicas de pesquisas e reencontros sensíveis com seus lugares-territórios.

Na arte socioambiental, é possível promover a aproximação entre estudantes, comunidades e ambientes, trazendo fortalecimento das memórias, das identidades e elos afetivos. Essa abordagem busca romper com a hipótese de um único caminho para o conhecimento, destacando a diversidade de experiências, das pluralidades humanas e das subjetividades.

A ideia de “desenvolvimento” desempenha um papel crucial nas estratégias de dominação cultural e social. Nesse sentido, a crítica ao modo de operação do sistema hegemônico abrange o silenciamento e a exclusão dos povos originários, das comunidades tradicionais e dos (as) trabalhadores (as) urbanos (as) subalternizados (as), negando-lhes espaço material e simbólico para a expressão de suas cosmovisões e percepções da realidade emergente advindas de suas relações comunitárias, ecológicas e espirituais profundas. Convenientemente, aos estudantes, lhes é oferecida a “oportunidade” de extrair apenas os saberes considerados úteis, ou então de se tornarem meros receptáculos de uma nova racionalidade alheia às suas realidades vividas (Delgado; Rist 2016).

Segundo Nego Bispo (2023), o desenvolvimento é um ato epistêmico, político e econômico que pode ser comparado a um vírus pandêmico, sendo uma grande doença para humanidade, pois promove a desconexão do ser humano com a natureza, para

torná-lo criador, fenômeno que ele denomina de "cosmofobia" — o medo irracional da totalidade, acompanhado de um distanciamento seletivo e/ou imposto. A cosmofobia, assim, é apontada como a força motriz que sustenta o sistema atual, marcado pela compartimentalização, desconexão, expropriação, extração desnecessária, produção de resíduos e acumulação. Em outras palavras, a cosmofobia reflete a compulsão por desenvolvimento e desconexão, afastando o sujeito de sua ancestralidade e integridade com o mundo natural. (Bispo, 2023)

Por isso, em contextos escolares é necessário um diálogo intercultural, partindo de experiências que mobilizem conhecimentos locais em uma perspectiva anticolonial fugindo de concepções universalistas.

De acordo com Oliveira e Sammarco:

O caminho formativo das/os futuras/os professoras/es perpassa pelas demandas atuais da sociedade. [...] a sensibilidade de reconhecer a diversidade presente tanto no contexto formativo, quanto no contexto educacional possibilita o engajamento de práticas que visam além do conteúdo e do número de estudante que se tem em uma sala. A insurgência é coletiva, não se concretiza na individualidade. (Oliveira; Sammarco, 2025, p. 11).

Ao movimentar matérias sensíveis da expressão, as artes socioambientais podem promover contato direto com as histórias, culturas e saberes locais, reforçando laços no lugar-território e nas experiências subjetivas. Além de transmitir conteúdos, as artes caminham pelas urgências de mudanças, de fazer diferente, e construir realidades emancipadoras, promovendo a pertença e a identificação da pluralidade local, dentro e ao redor da escola, renovando e reforçando as relações simbióticas com o meio ambiente.

METODOLOGIA

Para tanto, optou-se pela abordagem qualitativa, que de acordo com Bogdan e Biklen (1994, p. 49), “exige que o mundo seja examinado com ideia de que nada é trivial, que tudo tem potencial para constituir uma pista que nos permita estabelecer uma compreensão mais esclarecedora do nosso objeto de estudo.”

Como base metodológica, o estudo pautou-se na Abordagem Triangular, inicialmente, designada como “metodologia” ou “proposta” triangular por sua idealizadora, a educadora Ana Mae Tavares Bastos Barbosa, passou, no início do século

XXI, a adotar a nomenclatura “Abordagem Triangular” (2005) para referenciar o modelo pedagógico de artes visuais que vinha sugerindo.

A Abordagem Triangular (contemplar, fazer e contextualizar) traz uma sugestão em que aproxima três eixos interligados: a “observação de imagens”, envolvendo a aproximação crítica, realizando práticas de leitura e interpretação visual; o “fazer artístico”, envolvendo a experimentação prática com materiais e técnicas diversas; e a “contextualização da obra e autoria”, promovendo uma compreensão das origens socioculturais e históricas que sustentam tais imagens acompanhadas nos estudos.

Para tanto, foram realizados encontros formativos com futuros/as docentes, em 4 momentos diferentes, com aproximadamente 150 estudantes de cursos de licenciatura de modo interdisciplinar da Universidade Federal do Paraná (UFPR): a Semana de Ensino, Pesquisa e Extensão – SEPE (2023); o Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência – PIBID interdisciplinar UFPR (2024); a Aula da disciplina de Educação Ambiental do curso de Biologia (2024/2025).

As práticas de envolvimento com arte socioambiental, buscaram mobilizar dinâmicas mais engajadas, voltadas a uma educação como “radical vivo; corporal; vibrante; dialógico; inacabado; comunitário; reprodutor de presença; dúvida; vivência e partilha.” (Rufino, 2021, p. 11). No quadro 1 a seguir, estão descritas as práticas realizadas:

Quadro 1: Propostas desenvolvidas

SEPE/UFPR (2023)	PIBID interdisciplinar UFPR (2024)	Disciplina de Educação Ambiental – Curso de Biologia – UFPR (2024-2025).
Temática: Educação e Direitos Humanos: diálogos para a construção de um mundo melhor. Semana de Estudo, Pesquisa e Extensão – SEPE UFPR (2023) Local: UFPR – Setor de Educação. Atividade desenvolvida: Oficina/atividade "Espaço de Arte-educação para Expressão-Identities"	Temática: Arterreciclagem: expressões identitárias a partir da pesquisa em Arte-Educação Ambiental. Atividade com estudantes vinculados ao PIBID – UFPR (2024) Local: UFPR Unidade Rebouças Atividade desenvolvida: Oficina/atividade	Temática: Arterreciclagem e Educação Socioambiental. Local: UFPR – Setor de Educação, Unidade Rebouças Atividade desenvolvida: Oficina/atividade

Fonte: As autoras, 2025.

Nesta tripla abordagem (Barbosa, 2005), a/o estudante interliga criação, visualização e reflexão contextual, ao experimentar a criação de arte socioambiental em suas dimensões sensoriais, críticas e situadas nas realidades em que foi concebida.

Os resultados dessas experiências contaram com olhares cuidadosos e análises qualitativas condizentes com os processos educadores afetivos, o que enriqueceu ainda mais os caminhos metodológicos da Arte e a Educação Socioambiental Decolonial.

Análise e Resultados

Para os seres que habitam as margens e esquinas do planeta,
para as vidas alteradas pela violência colonial e para aqueles
que desfrutam dos privilégios, da reprodução, da proteção e
dos poderes herdados e mantidos nessa arquitetura de violência
e exclusão, a educação não pode ser meramente entendida
como uma política de preparação para o mundo ou como forma
de acesso à agenda curricular vigente.
Rufino – Vence-demanda (2021, p.10)

Pensar na materialização de possíveis práticas é um aspecto fundamental já que o conhecimento se manifesta por meio de ações concretas na escola, o fazer docente não é apenas um ofício, é um compromisso ético e político. Em uma perspectiva socioambiental anticolonial, a formação docente deve ser ressignificada a partir de uma educação comprometida com a justiça social e ecológica, reconhecendo os saberes dos povos tradicionais, a diversidade epistêmica e o papel da escola na construção de um mundo menos desigual. Precisamos, urgentemente, superar a lógica que trata professoras e professores como meros executores de currículos padronizados e devolver à docência sua dimensão transformadora.

Para tanto, apresentamos alguns resultados das 3 propostas formativas de futuros/as docentes. Dessa forma, o percurso integrou os três eixos da Abordagem Triangular (contemplar, fazer e contextualizar), reafirmando sua potência como caminho metodológico capaz de entrelaçar arte, educação e meio ambiente em um mesmo processo.

No processo formativo que antecipou o SEPE/UFPR - Direitos Humanos (2023) foram realizados encontros com caráter expositivo com a leitura prévia da declaração dos direitos humanos, uma poesia que seguia a mesma temática, inserindo a Arte na Educação Socioambiental (Imagens 07 e 08), momento em que se desenvolveu o eixo

Contemplar da Abordagem Triangular. Essa prática com a leitura de imagens buscou despertar um olhar interpretativo e crítico sobre os Direitos Humanos e suas conexões com as dimensões ambientais, sociais e culturais. As/os estudantes foram organizados em grupos de 2 ou 3 pessoas que seriam responsáveis pelas mediações educadoras de arte socioambiental no espaço arte-educação na SEPE (Semana de Ensino, Pesquisa e Extensão).

Esses grupos, então, foram responsáveis por criar uma arte que tivesse como eixo central um artigo da declaração. Cada grupo então se dividiu e, com o auxílio de tintas, canetas, lápis, revistas e outros materiais, foram produzidas as diferentes expressões socioambientais. A criação dessas imagens pode ser compreendida como expressão socioambiental, uma vez que cada Direito Humano, ao ser expresso plasticamente, permitiu refletir a respeito das interconexões da humanidade/natureza e/ou sociedade/ambiente, revelando em formatos concretos o quanto tais direitos são manifestados ou desobedecidos. Ao final deste processo as obras foram apresentadas e conceitualizadas para toda a turma, que discutiu suas execuções e ideias apresentadas.

Imagens 07 e 08 - Apresentação da arte produzida.



Imagem 7



Imagem 8

Fonte: Acervo das pesquisadoras, 2023

Em um segundo momento da etapa metodológica do *Fazer* (Imagens 09 e 10), as/os estudantes participantes da atividade foram convidados a construir um ambiente interativo, pensado como uma instalação sensorial e artística, aberta à participação das/dos demais integrantes do evento SEPE/UFPR. A proposta visou criar um espaço coletivo, lúdico e simbólico, onde o público pode interagir livremente com os materiais disponíveis (lápis, canetas, tintas, tesoura, cola, retalhos, revistas etc.).

No chão do saguão, foi criado um grande círculo utilizando papel kraft como revestimento e uma teia-varal de barbantes para a exposição das obras criadas⁶ na etapa do Fazer. Esse gesto visual e simbólico provocou novas reflexões e interações por parte daquelas pessoas presentes na SEPE/UFPR, tornando o espaço um território de expressões coletivas e de diálogos sensíveis com os Direitos Humanos e as diversidades presentes na comunidade acadêmica.

Imagens 09 e 10: Exposição



Imagem 9



Imagem 10

Fonte: Acervo das pesquisadoras, 2023.

A oficina se destacou por articular artes, Direitos Humanos durante um percurso formativo coerente com princípios de Educação Socioambiental. Foi uma experiência de formação que não apenas buscou ensinar, mas transformar, provocar e convocar a ações sensíveis ao mundo atual.

A oficina de arte-educação em Direitos Humanos desenvolvida na SEPE/UFPR foi mais do que uma atividade formativa. O encontro constituiu-se como uma experiência pedagógica ampliada, onde a estética, a ética e a política se entrelaçaram em práticas vivas de formação docente crítica e criativa.

Desde as etapas iniciais, o processo foi ancorado em fundamentos de arte e educação libertadoras, dialogando criticamente com a Educação Socioambiental e os direitos humanos como horizonte ético. A educação proposta ultrapassou o currículo formal e convidou as/os estudantes a refletirem sobre si mesmos como corpos, sujeitos sociais e habitantes de um planeta em crise socioambiental.

De acordo com Rufino,

⁶ Outros painéis das imagens 09 e 10 são instalações fixas do espaço.

Se a colonização incutiu um desmantelamento do ser e uma condição desviante, a educação como experiência e prática de ‘vir a ser’ nos possibilita a codificação de novos seres que sejam capazes de gerar outras respostas ao mundo e gerir diferentes formas de habitar. A educação é o que marca nosso caráter inconcluso enquanto sujeitos e praticantes do mundo. É também aquilo que nos forja enquanto seres de diálogo. Portanto, estar vivo é experimentar linguagens, descobri-las, se afetar por elas, alterá-las e respeitar o que não alcançamos. (Rufino, 2021, p. 13 e 14)

As potências dessa oficina residiram no seu caráter progressivo/gradual, por etapas, interdisciplinar e colaborativo. Os encontros mobilizaram as/os estudantes como agentes criadores, e não como meros receptores de conteúdo. A partir de linguagens criativas, contemplativas e argumentativas, foram criados momentos para obras de expressão coletiva na qual as reflexões sobre os Direitos Humanos se deram por meio da estética como instrumento de linguagem e de espaço de diálogos. Ao traduzirem os artigos da Declaração em imagens e significados, as/os participantes realizaram um exercício de ressignificação crítica, aproximando o texto jurídico/legal das vivências humanas.

Outro aspecto pedagógico relevante foi a apropriação do espaço com a finalidade curatorial pelas/os próprios estudantes, realizada no saguão do prédio acadêmico como um dispositivo educador, por meio da criação de um círculo/mandala no piso do saguão e uma teia-varal de barbantes. Tais instalações na entrada da universidade quis revelar uma pedagogia pautada nos princípios da Arte-Educação a partir das expressões socioambientais. O espaço/instalação não foi apenas uma intervenção decorativa, mas um organismo sensível, concebido para provocar reflexões e afetar os corpos que com ele habitassem. Essa ambientação/ocupação traduziu uma educação socioambiental decolonial, onde os espaços também podem ensinar e o fazer artístico se mostrou inseparável.

Para Moraes e Torre:

É através da dinâmica corporal que se revela o emocional de cada um. É o fluir contínuo das emoções que modela o nosso cotidiano e todo o nosso viver/conviver que constitui o fundamento de tudo que realizamos. Inclusive do *sentirpensar*, lembrando que qualquer fato de vida tem como base fundamental o emocionar. (Moraes; Torre, 2004, p. 57)

A participação das/dos estudantes em todas as etapas, desde a criação até a mediação com o público, proporcionou um processo formativo docente tecido na experiência, na pesquisa e na prática reflexiva. Ao vivenciarem seus papéis de artistas,

docentes e curadores ao cuidar, selecionar, organizar e apresentar as criações, as/os estudantes ampliaram suas compreensões sobre o que é lecionar como um gesto político, sensível e coletivo, no qual, “ninguém educa ninguém, ninguém educa a si mesmo, os homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo.” (Freire, 1987, p. 58).

Para a etapa metodológica do *Contextualizar* a experiência da SEPE/UFPR foi concluída com uma avaliação coletiva, encerrando um longo percurso e processo que não se limitou a levantar somente resultados. Ela se apresentou como um espaço de elaboração crítica e partilha, reafirmando possibilidades de novas concepções de formação, de forma contínua, dialógica e horizontal. Nesses dias, o aprender não foi visto como um fim, mas como uma trajetória em constante movimento, desde o corpo epidérmico individual à conexão com a Terra a partir da contextualização de suas existências como sujeitos ecológicos planetários, processo que condiz com uma educação socioambiental decolonial.

A expressão Arterreciclagem surge da composição com as palavras Ar, Arte, Terra e Reciclagem, formando um tipo de anagrama: arterreciclagem. A proposição resulta de uma pesquisa em Arte-educação ambiental, unindo reflexões, experiências pedagógicas e investigações técnicas (Silveira⁷, 2024). Desde então, temos percebido a necessidade de renovarmos nossos padrões de pesquisa e docência, reduzindo suas fronteiras limitantes. De acordo com Silveira, (2024) esta abordagem busca não apenas “ressignificar materiais descartados, mas também ampliar diálogos interdisciplinares entre a arte, a educação e a ecologia, sustentando o viés pedagógico da pesquisa.” (Silveira, p. 81, 2024).

Neste contexto, acreditamos que a arterreciclagem pode nos oferecer uma diversidade de resultados, como por exemplo, no rompimento com o ensino institucionalizado e abrindo alternativas que unam e dialoguem diferentes saberes e conhecimentos, historicamente fragmentados.

As outras duas propostas formativas, uma com a equipe do PIBID Interdisciplinar (2024) e outra a partir de dois encontros dentro da disciplina Educação Ambiental do currículo obrigatório da Biologia (2024/2025) visam traduzir

⁷ O termo foi elaborado por Vanderlei Silveira (também conhecido como Vander Silveira), que vem desenvolvendo suas técnicas desde os anos 1980, em diálogo estreito com os ideais do Ambientalismo. Envolvendo a criação artística com objetos e rejeitos industrializados, é, simultaneamente, uma abordagem pedagógica e uma arte reflexiva, diante da crise do lixo e da materialidade estética.

poeticamente, por meio da criação artística colaborativa, os fundamentos da arterreciclagem.

Nestas duas propostas a etapa *Contemplar* consistiu em uma atividade que teve início com uma apresentação oral, na qual foram compartilhados aspectos da pesquisa (Silveira, 2024), dialogando com a proposta da arterreciclagem como prática de resistência, reinvenção e expressão estética a partir de materiais descartados.

Para a etapa do *Fazer* as atividades, no individual e coletivo, resultaram em uma série de manifestações socioambientais visuais (imagens 11, 12 e 13) que refletiram as subjetividades das/dos participantes e os seus múltiplos sentidos de identidade em tempos de crise socioambiental.

Ainda, para a etapa do *Contextualizar*, os produtos finais, foram envolvidos em reflexões sobre os processos de criação e debates que revelaram a potência educadora da arterreciclagem como ferramenta decolonial para pensar a pessoa, o outro e a Terra, uma vez que, oportunizou o diálogo de saberes não hegemônicos e interdisciplinares, buscando romper com a construção de conhecimentos fragmentados, e não contextualizados com a realidade socioambiental.

Imagens 11, 12 e 13: Construções de arte socioambiental



Imagem 11



Imagem 12

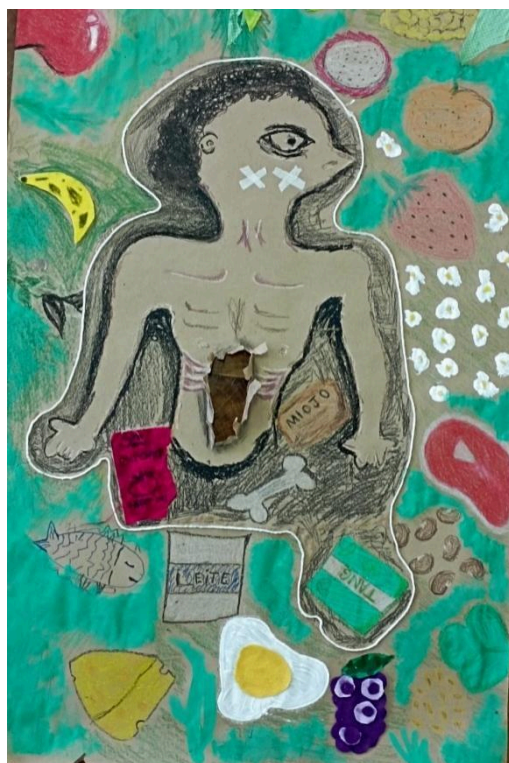


Imagem 13

Fonte: Acervo das pesquisadoras, 2024/2025

Esta oficina conseguiu ser um exemplo de uma prática decolonial, ao integrar artes, ecologia, política, território e subjetividade de forma sensível e engajada. O encontro revelou que uma formação docente crítica se dá no entrelugar da experiência estética e argumentação socioambiental, mas também na escuta atenta dos territórios que habitamos e que nos atravessam. Onde o papelão ganhou fala, onde o retalho sonhou e onde o corpo se reconheceu como pele viva da Terra. Uma Terra que não é abstrata, mas concreta, marcada por momentos sócio-históricos, conflitos, ancestralidades e disputas de sentido. O aprendizado emergiu, assim, como movimento encarnado, em que pensar, criar e agir se tornaram formas de reatar vínculos com a natureza, com a coletividade e com as territorialidades plurais que nos constituem.

A esse respeito, Moraes aponta que:

O emocional, o fluir de uma emoção a outra, traduz o fluir de um domínio de ação do outro. Assim, o pensar, o sentir e atuar humano são fenômenos que ocorrem sob o ponto de vista biológico e se manifestam em qualquer situação. (Moraes, 2004, p. 57)

A atividade desenvolvida com estudantes do PIBID na Unidade Rebouças da UFPR foi composta como uma experiência formativa plural e profundamente crítica,

que articulou pesquisa acadêmica, com as práticas artísticas e a pedagogia socioambiental.

O uso de materiais recicláveis e outros resíduos não foi um detalhe técnico, mas uma necessária opção epistemológica e política. A arterreciclagem se afirmou como prática de resistência estética e ética, conectando os resíduos da sociedade de consumo com vozes, muitas vezes, marginalizadas dentro da própria universidade. Ao transformar o reciclável em obra, o ato inventivo se torna também um gesto de decolonização dos materiais, dos olhares, dos currículos.

Importante ser destacado que a oficina não foi concluída nos produtos artísticos finais, mas trouxe relevância às potências dos processos criativos, plenamente alinhados com pedagogias críticas e socioambientais. As manifestações de criação visual serviram como plataforma de ponderação e expressividade criativa, na qual as/os estudantes se permitiram trazer suas subjetividades, suas dores, suas origens e suas aspirações. O fazer artístico, nessa totalidade, não foi simplesmente ilustrativo; ele atuou como mediador entre a pessoa, o outro, as relações e o mundo, como bem defende a arte socioambiental aqui exposta.

Ao final, a atividade se configurou como uma prática de formação docente diferenciada, na qual as/os estudantes experimentaram os desafios e potências de uma prática em educação, feita com o corpo, com a matéria, com a linguagem artística e com o território. Como participantes ativos, foram chamados a pensar a educação como prática de cuidado, escuta e transformação.

As práticas supracitadas, podem ser consideradas metodologias potenciais, práticas pedagógicas que incentivam o envolvimento ativo das/dos estudantes no processo educador que devem ser sensíveis e adaptadas ao contexto em que estão inseridas. Cabe salientar a importância de considerar as realidades socioambientais e culturais dos lugares-territórios escolares.

A esse respeito ressaltamos a importância e pertinência da união entre Educação Socioambiental e Movimento Decolonial. “A perspectiva decolonial, fornece novos horizontes utópicos e radicais para o pensamento da libertação humana, em diálogo com a produção do conhecimento”. (Ballestrin, 2013, p. 110). Ambas as dimensões, socioambiental e Decolonial, se contrapõem dos interesses de ações positivistas, que inviabilizam dimensões não afeitas às suas categorizações, e que com isso, objetiva o

sujeito, destituindo sua humanidade e se instala na vertente de uma Educação Ambiental conservadora, comportamentalista instrumental. (Castor, 2018, p. 172).

Nesse sentido, são significativas as contribuições de Heloisa Ferraz e Maria Fusari, quando defendem a presença da estética na escola, dentro de uma metodologia adequada à Arte que, por sua natureza interdisciplinar, vem trazendo suas críticas e as necessárias ressignificações ao mundo. Para as autoras, “enquanto processo criador”, as artes podem estimular os elos que fazem o sujeito “ligar-se à vida” (Ferraz; Fusari, 1993, p. 67), rompendo com aquelas práticas estéreis, ampliando as experiências humanas naturais e sociais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo desta pesquisa, foi possível observar que lugares-territórios escolares são fundamentais para o envolvimento da sociedade em percepções e transformações com culturas socioambientais, na qual podemos realizar processos educadores/formativos interdisciplinares e interculturais que dialoguem com as perspectivas epistemológicas apresentadas.

Essas perspectivas promovem o reconhecimento do lugar-território como fonte de conhecimento e resistência, transformando as escolas em espaços de emancipação e transformação social. Ao incorporar a arte, estética, política e educação, é possível fortalecer o papel das escolas como agentes de transformação socioambiental e cultural.

Em última análise, ressaltamos a importância de integrar as artes socioambientais dentro das escolas por ser um caminho educador que explicita e confronta a diversidade de saberes, modos de vidas e culturas histórico-socioambientalmente constituídas. Um caminho que nos leva a uma Educação Socioambiental mais sensível, crítica e conectada às realidades e diversidades socioambientais.

REFERÊNCIAS

ACRÍTICA. **Artista indígena amazonense Auá Mendes grafita muro de mais de 30 metros em São Paulo.** 2022. Disponível em: <<https://www.acritica.com/entretenimento/artista-indigena-amazonense-aua-mendes-grafita-muro-de-mais-de-30-metros-em-s-o-paulo-1.290128>> Acesso em: 08 jan. 2025.

BARBOSA, Ana Mae Tavares Bastos. **"A imagem no ensino da arte"**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2005.

CHAUVIN, Jean Pierre. Anticolonialismo. **Revista de Estudos de Cultura**, n. 03, p. 49-55, 2015. Disponível em: <https://periodicos.ufs.br/revec/article/view/4773/3993>. Acesso em 3 mar. 2025.

CENTRO CULTURAL SÃO PAULO. **AUA Mendes Transvisual**. [S. l.], [s. d.]. Disponível em: <https://centrocultural.sp.gov.br/aua-mendes-transvisual>. Acesso em: 21 nov. 2025.

DELGADO, Freddy; RIST, Stephan. **Ciencias, Diálogo de Saberes y Transdisciplinariedad**: Aportes teórico-metodológicos para la sustentabilidad alimentaria y el desarrollo. Universidad Mayor de San Simón, Facultad de Ciencias Agrícolas Pecuarias y Forestales y Agroecología Universidad Cochabamba. Bolivia, 2016. Disponível em: https://boris.unibe.ch/91487/1/Rist_2016_Ciencias%20dialogo%20de%20saberes.pdf Acesso em: 29 dez 2024. (Páginas: 35-60, 137-168, 215- 246)

EM NOTÍCIA. **Artista indígena assina primeira arte pública individual em grandes dimensões em prédio da cidade de Belém**. 2023. Disponível em: <https://emnoticia.com.br/artista-indigena-assina-primeira-arte-publica-individual-em-grandes-dimensoes-em-predio-da-cidade-de-belem/> >Acesso em: 08 jan. 2025.

FERRAZ, Maria Heloísa; FUSARI, Maria F. Resende. **Metodologia do ensino de arte**. São Paulo: Cortez, 1993.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia** – saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 2018.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

KRENAK, Ailton. **Futuro Ancestral**. - 1ª ed. - São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. Companhia das Letras, 2019.

RUFINO, Luiz. **Vence-Demanda**: educação e descolonização. 1. Ed. – Rio de Janeiro: Mórula, 2021. 84p.

LATA ARTE. **Galeria de Ilustração de Auá Mendes – Brasil**. Disponível em: <https://www.latamarte.com/pt/galleries/bgNw/>.> Acesso em: 20 dez. 2024.

LAZZARIN, Luíz. F. Grafite e o ensino da arte. **Educação e Realidade**, 32(1), 59-74. 2007.

MORAES, Maria Cândida; TORRE, Saturnino de la. **Sentipensar**: Fundamentos e estratégias para reencantar a educação. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.

MORIN, Edgar. **Ensinar a viver:** manifesto para mudar a educação. Tradução de Edgard de Assis Carvalho e Mariza Perasi Bosco. Porto Alegre: Sulina, 2015.

MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à Educação do Futuro.** Tradução de Catarina Eleonora F. da Silva e Jeanne Sawaya. Brasília, DF: Cortez, 2009.

OLIVEIRA, Chrizian Karoline; SAMMARCO, Yanina Micaela. Territórios Educacionais/Pibid: Pluralidade, Identidade e Formação Docente em Perspectiva Anticolonial. In: IV Encontro das Licenciaturas da Região Sul. 2025. **Anais [...]**. Disponível em: < <https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/120969>. > Acesso em: 20 jun. 2025.

OLIVEIRA, Chrizian Karoline; PADILHA, Celina; SAMMARCO, Yanina Micaela. Decolonizando A Educação: Metodologias Anticoloniais Para Promover a Diversidade Cultural e Epistemológica. In: IV Congresso Internacional Conhecimentos Pertinentes para a Educação na América Latina - EDUPALA, 2024, UNIPLAC / LAGES-SC. **Anais [...]**. São Paulo: Na Raiz, 2024. p. 256-259. Disponível em: < <https://zenodo.org/records/14893811> > Acesso em: 20 jun. 2025.

RESTANY, Pierre. **Hundertwasser:** O Pintor-rei Das Cinco Peles. Köln: Taschen, 2003.

SAMMARCO, Yanina. M.; RODRIGUEZ, Ivan. B.; FOPPA, Carina. C. (2020). Educação Ambiental, Educação do Campo e Ambientalização Escolar: diálogos entre diversas paisagens escolares. **Ambiente & Educação: Revista de Educação Ambiental**, 25(2), 310-340.

SANTOS, Antonio. B. **A terra dá, a terra quer.** São Paulo: Ubu, 2023. 112 p.

SILVEIRA, Vanderlei Fraga. **Do barro à xawara:** a Caximba pelas lentes da Arte educação ambiental. Dissertação de Mestrado. Matinhos: PROFCIAMB, UFPR, 2024.